

Saúde e educação: o complexo binômio na relação família-escola

Health and education: the complex binomial family-school relations

Salud y educación: la compleja relación del binômio familia en la escuela

Santé et l'éducation: les relations familiales dans un complexe binôme-scolaires

*Franciele Castanho**
*Luciana Suarez Grzybowski***
*Sonia Yonara da Silva****

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada a partir da identificação da demanda de encaminhamentos de uma Clínica-Escola. Tal pesquisa se deu na perspectiva de prevenção e promoção de saúde no contexto escolar. Buscando compreender e intervir nas relações estabelecidas no âmbito da família-escola, utilizou-se a intervenção psicossocial, em quatro escolas municipais com maior número de encaminhamentos para psicoterapia. Os resultados apontam para evidentes lacunas na comunicação entre família-escola, revelando uma descontinuidade na relação. Tal constatação apresenta-se com relação a rotulações, acusações mútuas, expectativa e prescrição de comportamentos "ideais" e distanciamento nas ações educativas com crianças. Diante disso, consideramos que demandas e necessidades das relações família-escola permeiam espaços e/ou estratégias que visem a aproximação das mesmas, focalizando o diálogo para que juntas possam construir, de forma autônoma, ferramentas para lidar com as dificuldades que estão intrínsecas ao processo de educação infantil e assim, contribuir para prevenção de doença e promoção da saúde mental.

Palavras-chave: saúde mental, educação, família, comunicação, comportamento

Abstract: Starting from the identification of demand for the forwarding clinic-school, this survey is aimed to work in the perspective of health promotion and prevention in the school's context. Trying to understand and to talk about the relations within the family and the school. There was a psychosocial intervention in four schools in town, with a high number of psychotherapy leading. The results pointed out to obvious gaps in the communication amongst the family and the school, revealing a cease in their relationship. Such a discovery is respected by its labeling, mutual accusations, expectation and the limitation of the "ideal" behavior and the detachment in educational actions towards children. According to that, we believe that the demands and the needs of a family-school relation is to permeate spaces and/or strategies aiming at their mutual well being, focusing on the dialogue. So that together we can build an autonomous tool, to deal with the difficulties that are intrinsic to the children educational process and thus to contribute to the prevention of disease and to promote mental health.

Key-words: mental health; education; family; communication; behavior

* Graduada em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó e bolsista do Grupo de Pesquisa Práticas Psicológicas no período de 2007 a 2009, fonte financiadora FAPE Unochapecó.

** Psicóloga, Doutora em Psicologia pela PUCRS; professora e pesquisadora da Unochapecó e vice-líder do Grupo de Pesquisa "Práticas Psicológicas". E-mail: lugrzybowski@ig.com.br.

*** Graduada em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó e bolsista do Grupo de Pesquisa Práticas Psicológicas no período de 2007 a 2009, fonte financiadora FAPE Unochapecó.

Introdução Pesquisa realizada na Clínica-Escola de Psicologia da Unochapecó (Gelati & Grzybowski, 2006), buscando identificar o perfil da clientela que busca o serviço, identificou um grande número de crianças encaminhadas para psicoterapia por escolas municipais. Tais encaminhamentos, em sua maioria, envolviam problemáticas da relação familiar (problemas conjugais, conflitos pais-filhos, falta de limites/problemas de conduta) que tinham consequências na vida escolar, fazendo com que a escola se tornasse o agente referenciador ao tratamento psicológico.

Tais resultados fizeram a instituição repensar o seu papel e a sua forma de inserção na comunidade. Passou a imperar uma necessidade institucional de maior inserção social de caráter preventivo e promotor de saúde, nos contextos nos quais as problemáticas ocorrem (como a escola, por exemplo), saindo de um papel de receptor de demandas e passando a ser um agente de transformação *in loco*.

A questão das relações familiares e escolares tornou-se emergente, fazendo, com que se realizasse uma pesquisa-intervenção no contexto escolar. A partir de um estudo envolvendo família-escola, objetivou-se identificar a visão de um sistema sobre o outro, compreender como se dá a interação entre ambos e perceber como avaliam e intervêm nas problemáticas que envolvem as crianças (filhos e alunos). Partindo de uma intervenção psicossocial com pais e professores, pretendeu-se promover reflexões, discussões e trocas entre os contextos de inserção da criança.

Em parceria com a Secretaria da Educação do município de Chapecó, que desenvolve o projeto "Escola Forte – Pais na Escola", foi disponibilizado espaço para esta pesquisa na rede pública municipal. A aproximação família-escola, objetivo do projeto municipal, somou-se ao objetivo do estudo, buscando uma maior integração nas práticas educativas das crianças.

Partiu-se de um conceito ampliado de saúde. Considera-se que a saúde mental ultrapassa questões psicológicas, abrangendo também questões políticas (Bock, 2000), pois é necessário pensar na superação das condições que desencadeiam ou determinam o adoecimento. Por isso, intervir diretamente nos espaços sociais nos quais se desenvolvem as relações interpessoais é fundamental.

Nessa perspectiva, temos que valorizar o potencial que os seres humanos têm para produzir saúde, e na articulação entre os contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, tendo em vista que o processo de saúde é construído não somente pelas individualidades do sujeito, mas, também pelo ambiente e as relações nele estabelecidas (Silva, Lunardi, Filho e Tavares, 2005, p. 99).

Tendo em conta que a família é o primeiro ambiente socializador, e a escola geralmente é o segundo contexto de inserção infantil, torna-se fundamental que ambos sejam promotores de saúde mental infantil e fatores de proteção do desenvolvimento saudável. A relação entre o ensinar e o aprender surge a partir de vínculos entre as pessoas e tem início no âmbito familiar, mas com o desenvolvimento da criança ocorre a ampliação destes vínculos afetivos e o professor toma uma posição importante na relação ensino-aprendizagem (Tassoni, 2000).

Assim, além de conhecer e potencializar as relações e estratégias educativas promotoras de saúde no contexto familiar e no contexto escolar é importante favorecer e ampliar os canais de comunicação entre os dois sistemas para promover trocas, afinar atitudes e firmar parcerias em ações contínuas. O vínculo entre família e escola não pode ser entendido se for considerado isoladamente ou apenas como um ponto no tempo. Cada família tem uma história, cada escola tem uma história e assim se faz a ligação entre elas. Entender essa ligação significa entender o modo como foi desenvolvida a relação escola-família e con-

seguir visualizar o contexto que envolve a educação das crianças (Connel, Ashenden e Dowsett, 1995).

Historicamente, isso tem sido difícil. Como referem Machado e Souza (1997), família e escola parecem caminhar para o lado oposto a essa reflexão quando escolas e pais tentam definir de quem é a "culpa" de comportamentos apresentados pelas crianças. Muitas vezes, os problemas são imputados exclusivamente às crianças ou aos adolescentes e há uma dificuldade em perceber que família – criança – escola constituem um sistema circular, no qual todos estão implicados e se implicam mutuamente.

Observa-se que as instituições – família/escola – têm dificuldades para estabelecer vínculos, comunicação e parceria na resolução de problemas escolares e familiares. Ao rotular a criança como aluno-problema, esta torna-se o veículo de críticas e queixas que ambas as instituições possuem uma da outra.

Com base nessas considerações, o presente trabalho pretende apontar a importância da relação entre família e escola no que se refere à prevenção de doença e a promoção de saúde mental infantil, já que estes são os contextos que envolvem diretamente a criança. Além disto, o trabalho visa discutir possibilidades de intervenção no âmbito da educação no que se refere à saúde, pensando na integração de ações e na interdisciplinaridade possível entre saúde-educação.

Método

Realizou-se uma inserção no ambiente social institucional, por meio da estratégia participante, ou seja, com participação orgânica do pesquisador na realidade social em foco, "[...] visando interpretar 'por dentro' a sua cultura e subjetividade" (Vasconcelos, 2002, p 181), buscando entender qualitativamente o problema colocado, não fazendo generalizações estatísticas.

Compreende-se, conforme Rocha

(2003), que as questões sociais devem ser problematizadas, discutidas e trabalhadas junto aos grupos e organizações populares, para que assim haja uma interação entre o saber acadêmico e os saberes dos sujeitos individuais e coletivos envolvidos na pesquisa. Desta forma, para que haja uma transformação sociopolítica, como propõe a pesquisa-intervenção, deve-se trabalhar numa perspectiva de intervenção psicossocial, que não corresponde a um processo unidirecional que se origina dos interesses do pesquisador, mas que objetiva a potencialização das capacidades dos sujeitos com os quais trabalhamos. Acreditamos, sobretudo, que atuamos com seres humanos autônomos, extremamente capazes de reverter suas dificuldades e modificar suas condições de vida (Sarriera, 2000).

Na prática, houve um compartilhamento de controle entre interventor e comunidade, levando em consideração a prevenção direcionada à educação e promoção de saúde e bem-estar psicológico das pessoas no ambiente específico.

Inicialmente, junto com os gestores da educação municipal, delimitamos as escolas que participariam da pesquisa. Buscou-se abranger a área urbana e rural do município, optou-se por trabalhar com as primeiras séries do ensino fundamental (em função das idades das crianças que são encaminhadas para psicoterapia concentrarem-se na faixa etária de 5 a 10 anos) e escolheram-se escolas com maior número de solicitações pelos serviços de psicologia (conforme levantamento da Secretaria da Educação) e de encaminhamentos para a Clínica-Escola de Psicologia da Unochapecó.

A partir da seleção das escolas, realizamos uma reunião junto à direção e coordenação das mesmas, em conjunto com a Secretaria Municipal da Educação. Neste momento, os objetivos da pesquisa foram apresentados, verificando-se o interesse e disponibilidade para a realização das atividades. Além disso, buscou-se conhecer a realidade das escolas e discutir as propostas de atividades, realizando trocas sobre

a demanda percebida e o projeto apresentado.

Assim, após essa etapa inicial de reconhecimento, a pesquisa organizou-se da seguinte forma:

PARTICIPANTES: Pais e Professores de quatro Escolas da Rede Pública Municipal de Chapecó, da 1ª a 5ª série do ensino fundamental.

PESQUISA-INTERVENÇÃO:

1º. Momento: **SENSIBILIZAÇÃO COM PAIS E PROFESSORES:** Este momento da pesquisa teve como objetivo apresentar a proposta do estudo e mobilizar/sensibilizar pais e professores para a participação nos grupos de intervenção. Para isso, utilizamos os sábados, realizando atividades culturais como: peça teatral com a temática pais-criança-professores e apresentação de coral universitário, além do lanche. Nesses encontros, foi realizado um levantamento de necessidades e temáticas junto aos pais e aos professores.

2º. Momento: **INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL:** A intervenção, em cada escola, ocorreu em três momentos:

- Intervenção com pais: Este encontro abordou temas específicos da relação familiar e da relação família-escola.
- Intervenção com professores: Neste encontro abordaram-se temas específicos da relação professor-aluno e da relação escola-família.
- Intervenção pais-professores: Este encontro teve como objetivo proporcionar uma troca de informações entre pais e professores, revelando expectativas da relação e alternativas de mudança da mesma, bem como propiciou a avaliação do processo de intervenção.

Resultados

Intervenção com os pais

Os dados obtidos nas atividades com os grupos de pais trazem algumas questões de grande relevância, no que diz respeito aos aspectos que envolvem a

relação e o papel que a família e a escola exercem na sociedade, principalmente quando pensamos em prevenção e promoção de saúde mental infantil.

Percebeu-se que os pais pesquisados acham de suma importância a participação dos mesmos em reuniões, relacionando os problemas dos alunos-filhos diretamente com a ausência de alguns pais no contexto escolar. Embora afirmem não culpabilizar os pais ausentes e faltantes, acreditam que a ausência nas reuniões afeta o desenvolvimento das crianças.

Atribuem as ausências ao fato de, muitas vezes, os conteúdos das reuniões serem monótonos e repetitivos, geralmente algo proposto e organizado pela escola. Afirmam que, no geral, as reuniões contam com a presença dos mesmos pais, que, na sua opinião, não são os pais daqueles alunos considerados "problemas".

Também acreditam que o horário das reuniões, mesmo que variados, não favorecem a grande maioria dos pais, em razão do horário de trabalho. Entretanto, acreditam que depende do interesse dos pais buscar saber os assuntos abordados nas reuniões em algum horário alternativo.

No que se refere à educação dos filhos, muitos participantes apontam que a mesma é responsabilidade de todos os pais. Afirmam que é necessária uma cobrança dos pais em relação à criança, para que assim eles possam se comportar melhor no âmbito escolar. Para eles, "a educação tem que vir de casa", sendo que a escola tem a função de dar continuidade àquilo que vem da base familiar.

Por outro lado, os pais pesquisados afirmam que o dever da escola é ensinar os conteúdos didáticos, apontam algumas dificuldades de ensino e discutem sobre o reflexo que isso tem na aprendizagem dos seus filhos. Dessa forma, a família seria responsável pela educação "pessoal/comportamental" e a escola pela educação "formal/didática".

Os pais avaliam a situação dos pro-

fessores, ressaltando a excessiva carga horária que os mesmos têm que cumprir e acreditam que o fato de muitos pais não comparecerem, quando são chamados, à escola os desestimula a insistir nos convites. Ou seja, os pais reconhecem as dificuldades de trabalho dos docentes e novamente responsabilizam a si mesmos pelo afastamento escolar.

Os pais pesquisados indicaram que as crianças apresentam agressividade, agitação e a não discriminação entre o certo e o errado, apontando a necessidade de um mediador entre elas dentro do espaço escolar. Apesar de compreenderem que os comportamentos agressivos influem nas dificuldades de aprendizagem, os pais consideram que os mesmos são normais em razão da idade. Assim, evidenciam algumas contradições: consideram que a educação pessoal vem de casa, mas que os problemas resultantes (agressividade, agitação etc) devem ser mediados pela escola, bem como relativizam a sua conotação negativa.

Os pais pesquisados também fazem algumas contribuições relevantes para melhorar a qualidade das relações entre as duas instituições. Apontam a visita domiciliar como uma estratégia para os pais que não comparecem à escola e/ou alunos que apresentam problemas escolares. Além disso, sugerem a exigência de justificativa de falta por parte dos pais e conferência de bilhetes de convocação para reuniões, devidamente assinados. A presença de um psicólogo na escola também foi sugerida como uma estratégia de melhoria das relações família e escola.

Intervenção com professores

Conforme a visão dos professores, a relação família-escola não acontece ou acontece de forma incompleta pela não participação da família, mais especificamente dos pais na escola. Esta não participação, na visão dos professores, é consequência de diversos fatores "alheios" à escola, que dificultam e/ou inviabilizam

diretamente a relação família-escola e/ou pais-professores.

Percebe-se que os professores acreditam que é de grande importância a presença dos pais no espaço da escola em reuniões e quando solicitados. Os professores consideram que o trabalho dos pais é um fator que, muitas vezes, inviabiliza esta participação. Os professores também acreditam que outro fator que dificulta é a falta de acompanhamento familiar, já que "os pais não dão importância para a educação", priorizando outras coisas, o que também seria percebido pelo envolvimento dos pais nas tarefas escolares e cuidado com o material dos filhos.

Observa-se que os professores atribuem os comportamentos dos alunos a um reflexo/consequência da família, refletindo diretamente na escola. O divórcio é considerado por muitos professores um dos principais fatores que prejudicam o comprometimento dos alunos. Na visão dos professores, os pais que se divorciam representam um modelo de excessiva liberdade que, em muitos casos, reflete nos comportamentos das crianças, como por exemplo, na falta de limites.

A agressividade física e verbal dos alunos para com professores e colegas é vista pelos professores como um problema que também é reflexo da família. A presença de agressividade no âmbito familiar, devido a diversos fatores (cultural, educacional, econômico, social), repercutiria no comportamento agressivo da criança na escola.

Os professores ressaltam que outra problemática é a falta de interesse dos alunos quanto às atividades escolares e que isso pode ser consequência da configuração atual da sociedade, já que estudar não se configura mais como garantia de emprego. Além disso, a valorização do capital, que tem por consequência o aumento do individualismo, dificulta que a escola e a família exijam dos alunos/filhos o cumprimento de regras que beneficiem o coletivo. Fatores como mídia e

drogas também são apresentados pelos professores como barreiras ao processo de construção do coletivismo.

No que se refere à profissão, a maioria dos professores pesquisados demonstraram-se desmotivados a dar aulas. Segundo eles, isto se deve ao não reconhecimento do seu trabalho por pais, alunos, órgãos públicos e comunidade em geral. Além disso, a desmotivação também é imputada às condições de trabalho às quais são submetidos, como o número excessivo de alunos, salas fisicamente impróprias para as atividades, poucos recursos didáticos, carga horária de trabalho excessiva e baixos salários. Indicam, ainda, como dificuldade da profissão, o despreparo para lidar com situações que extrapolam o ensino e a aprendizagem, como os problemas de comportamento infantil.

Os professores apontam, ainda, a falta de conhecimento e clareza do Projeto Político Pedagógico das escolas nas quais trabalham, o que teria como consequência, tentativas individuais de resolução dos problemas, em oposição ao trabalho coletivo e interdisciplinar que os mesmos consideram de suma importância.

No que se refere às estratégias para que haja a participação dos pais na escola, os professores apresentaram as seguintes sugestões: apresentações culturais, lanches, mobilizações dos professores, bilhetes de convocação, flexibilização dos horários de reuniões, realização de grupos de reflexão, pesquisas/visitas domiciliares e a disponibilização da escolarização para os pais dos alunos.

Intervenção pais-professores

Este encontro teve como objetivo realizar o diálogo sobre as dificuldades, causas e estratégias apresentadas nos encontros anteriores, entre pais e professores. A tentativa foi de promover a reflexão e discussão sobre formas de potencializar estratégias já construídas, desta vez de forma conjunta.

Neste momento, foi socializada a produção individual de cada grupo, no que tange as dificuldades percebidas, as causas apontadas e as estratégias de solução propostas.

Esta troca de informações e percepções permitiu, mesmo que superficialmente, que percebessem a lacuna existente entre pais e professores e a importância do diálogo para potencializar a relação entre ambos. A socialização possibilitou que se realizasse a troca de informações, até então desconhecidas ou não verbalizadas, possibilitando a compreensão das prioridades e limitações de pais e professores.

Discussão dos resultados

Inúmeras são as formas de configuração e estrutura familiar em tempos de pós-modernidade, não existindo mais uma forma de relação estabelecida como certa. Um dos principais fatores que alavancaram estas novas configurações foi a entrada da mulher no mercado de trabalho que promoveu diferentes combinações de papéis e funções. Diante da ausência da mulher em casa, suas tarefas, funções e obrigações passaram a ser desenvolvidas pelos demais membros da família (Silveira, 2003).

A partir deste novo layout familiar, abriram-se possibilidades de diversos e diferentes arranjos familiares, conforme classifica Breda (1999): casais de homossexuais, avós criando os netos, casais solteiros, pais com guarda conjunta/compartilhada, mães singulares, divisão da guarda dos filhos, famílias reconstituídas, pais singulares. No entanto, mesmo diante destas transformações, a importância da família continua sendo a de proporcionar elementos de estrutura.

Os modos de educação, conforme Carvalho (2004), são historicamente produzidos com base em diversos arranjos e instituições, como a família, o trabalho, a escola, e os meios de comunicação e "qualquer um que espere entender o con-

texto social do ensino deve tentar entender como as famílias dos alunos vêm a ser do modo que elas são" (Connel, Ashenden e Dowsett, 1995).

É fundamental ressaltarmos, como refere Tassoni (2000), que a relação entre o ensinar e o aprender se estabelece a partir de vínculos entre as pessoas e tem início no âmbito familiar. Esta relação vincular é baseada em afetividade, pois é pela comunicação emocional que ocorrem mobilizações no outro. "Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar" (Fernández, 1991, apud Tassoni, 2000, p. 02- 03).

As escolas possuem estratégias, assim como a família, para auxiliar as crianças em suas relações interpessoais. No entanto, estas práticas não podem ser desvinculadas do contexto no qual a criança está inserida e o objetivo não pode ser apenas de manutenção de regras pertinentes à escola, buscando a socialização (Gotzens, apud Silveira, 2004).

Existe, conforme Freller (2000), no discurso de professores e psicólogos um modelo de família e aluno ideal, e ao se deparar com relações e indivíduos considerados fora destes padrões, os mesmos são interpretados como desviantes, localizando-se aí a causa do seu insucesso, no caso, o escolar.

O comportamento das crianças na escola é uma questão que vem sendo alvo de reflexões de pais, especialistas e professores, uma vez que os mesmos não conseguem lidar com a indisciplina dos alunos. Cunha e Paiva (2003) apontam alguns estudos que relacionam os fatores responsáveis pela indisciplina na escola, dentre eles a falta de limites às crianças ou a forma como o professor organiza suas aulas. Observa também que os valores morais aparecem em muitas discussões e considera importante a má interpretação por parte dos adultos sobre o seu papel

como educador, ressaltando a importância de se refletir sobre a prática e o desejo de um professor ou aluno ideal diante da realidade vivida (Cunha & Paiva, 2003, p. 01).

Essa má interpretação de papéis é consequência do descompasso entre família e escola, resultado das transformações sociais e culturais que afetaram as famílias e, por conseguinte, a escola que ainda tenta manter seu formato anterior às mudanças pós-modernas.

A família, em busca de um "referencial seguro", diante de tanta instabilidade, recorre à escola informada ainda pelas ideias que, desde seu surgimento, a colocam como sistema de educação formal, instituição de referência, detentora da verdade e do saber absolutos. Miranda (2007) salienta que a escola, como lugar legitimado de produção e circulação de saber, necessita deixar de lado modelos tradicionais e pensamentos vagos acerca de seu fazer pedagógico como as inúmeras avaliações, relatórios, projetos, além, da preocupação com o do próprio salário.

Segundo Silveira (2003, p.131), faz-se necessária uma reflexão por parte da família e da escola, "na qual a escola precisa reconsiderar a família que se apresenta a ela; e da família em reconsiderar o seu papel como educadora, diferenciando-se do papel que é da escola."

A partir dos resultados da referida pesquisa podemos perceber que os discursos de pais e professores apresentaram-se alicerçados em rotulações e padronizações de um modelo familiar nuclear e de culpabilização do outro.

Os professores sentem-se impotentes diante das novas configurações familiares que se apresentam na atualidade e afirmam que estas novas configurações são as principais causas dos comportamentos considerados inadequados dos alunos. Colocaram-se à margem do processo de educação, e não como participantes ativos, culpabilizando diretamente a família: "(...) Filhos são consequência do que é a família, a família tem grande significado na escolaridade, nos valores" (relato de

professores). As famílias também culpabilizaram o outro, e este outro assumia a figura das famílias ausentes das atividades escolares, o que refletiria diretamente nos comportamentos considerados pelos mesmos como inadequados.

Com respeito a essa questão apresentamos, a seguir, alguns relatos de pais:

O grande problema está aí, quem deveria estar aqui não está (relato de pais, (Grzybowski, 2009, p.18).

No meu caso, independente do horário, durante a semana eu não tinha como vir então eu conversei com a professora antes do horário e ela me atendeu do mesmo jeito. Então isso depende do nosso querer, se tem vontade de saber qual é a questão discutida você dá um jeito de vir (relato de pais, Grzybowski, 2009, p.18).

Percebeu-se a pouca assiduidade de pais e professores no decorrer das atividades desenvolvidas pela pesquisa, sendo menor o número de pais em comparação com o de professores. No entanto, estes últimos somente participavam mediante compensação e bonificação, por folga ou pagamento de horas.

Pais e professores apontaram a necessidade da participação da família na vida escolar dos filhos, como uma estratégia de melhoria na aprendizagem e no relacionamento da criança com a escola. Diante disso, nos questionamos sobre o papel da família na escola e se a efetivação da estratégia apontada pelos participantes, sobre a presença/envolvimento dos pais na escola, de fato potencializaria a relação família-escola bem como os processos de ensino-aprendizagem.

Considerações Finais

No que se refere à pesquisa em tela, percebe-se um distanciamento das práticas educativas tanto por parte dos pais quanto da escola. Ambos praticam um jogo de culpabilização e tentam en-

contrar nas ações do outro aspectos que indiquem as causas que contribuíram para a falha educacional da criança, reduzindo-se, assim, o seu papel de responsáveis neste processo educacional.

Desta forma, nos questionamos sobre a fragmentação das ações educativas de família e escola, quando ambas desempenham individualmente seus papéis sem que haja um diálogo comum, o que, cremos, poderia ser um fator decisivo para potencializar ações com a criança e desenvolver um ambiente contributivo à saúde mental infantil.

Considerando que a família representa um dos principais ambientes de socialização das crianças, faz-se necessário questionar, refletir sobre as relações interpessoais que esta instituição estabelece em seu âmbito e com as crianças. Segundo Patto (1997), não há como negar que as relações interpessoais estão ligadas à educação. Para o autor, primeiramente elas são importantes nas práticas educativas exercidas pela família, em que é notável a capacidade infantil para apreender essas relações, mesmo as aparentemente sutis; em seguida, pelas práticas exercidas pela escola, que não exige do professor somente a compreensão de sua relação interpessoal com o aluno, mas entender quais relações ele já traz consigo.

Refletimos, ainda, sobre a presença/envolvimento de pais e professores na escola como estratégia para potencializar a relação família-escola e o processo de ensino-aprendizagem, já que estes, em sua maioria, como constatado na referida pesquisa, compareciam à escola em número bastante reduzido.

O discurso da desvalorização da escola, como apresentado neste artigo, mascara um pré-conceito negativo sobre as novas configurações familiares, indicando que estas são incapazes de cumprir com seus papéis, na qualidade de educadores.

De tal modo, vale ressaltar que a família, nos dias atuais, representa uma pluralidade de relações, sendo mesmo mais correto usar a denominação "famílias".

Isto porque não existe mais um padrão tradicional de família; e sim, ao contrário, diversas formas de configuração familiar. Vale destacar, portanto, que não cabe ao profissional ou à sociedade como um todo, apontar como certa ou errada esta ou aquela configuração familiar, mas sim, aceitá-las como parte de um novo modo de organização das relações familiares, não mais primordialmente nuclear.

Neste sentido é que se fala em constelações familiares, devido à diversidade de configurações familiares que se apresentam nos dias atuais. Por tudo isso, evita-se falar atualmente em "família normal" e presta-se atenção especialmente às singularidades e recursos próprios de cada situação (Eizirick, 2001, p. 61).

No que tange às categorias de organização e desorganização familiar, em populações de qualquer classe social, deve-se manter um estado de alerta e assim problematizar esta situação. Mello (2003) aponta que, quando se trata de famílias de populações periféricas e das favelas das grandes cidades, há uma divergência do modelo normativo de organização. Assim, ao invés de se falar em ausência de organização é mais razoável referir-se a polimorfismo familiar. E, ao despir-se de olhares preconceituosos e da rigidez de fórmulas, os profissionais poderão ver as famílias como elas são e não como os padrões, que são abstratos, ditam como devem ser. Ou ainda, como a autora afirma, a família ao se apresentar, nos dias de hoje nas mais diversas formas, não está desorganizada, mas sim organizada de maneira diferente, conforme as necessidades que lhes são peculiares (Mello, 2003, p. 57-58).

Constata-se que a escola é referência para a família e que a mesma busca a escola por acreditar em novas alternativas e na importância que a escola representa para eles, sabendo que há possibilidades de transformação no processo educativo das crianças na escola. No entanto, faz-se necessário que a família se perceba como responsável na função de

educador, não lançando mão daquilo que cabe à elas, para que, assim, a relação família-escola ocorra de maneira a potencializar a saúde mental infantil, tendo em vista que a educação familiar é base constitutiva das individualidades e posteriores relações sociais e interpessoais.

Foi possível observar que os discursos inicialmente são parecidos, porém se mostram diferentes quanto ao sentido que professores e pais dão ao mesmo tema ou questão, indicando, muitas vezes, uma ambiguidade entre os discursos.

Diante disto, consideramos que as demandas e necessidades das relações família-escola permeiam espaços e/ou estratégias que visem a aproximação das mesmas, focalizando o diálogo para que juntas possam construir, de forma autônoma, ferramentas para lidar com as dificuldades intrínsecas ao processo de educação infantil e assim, contribuir para a prevenção de doença e promoção saúde mental infantil.

Retoma-se aqui a importância da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, proposta por Bronfenbrenner (1979, 1996), que se preocupa com o desenvolvimento de forma mais ampla, sob um enfoque interacional entre as pessoas e destas com seus contextos. Deste modo, independentemente dos microsistemas nos quais os sujeitos estejam ou vivam (família, instituição ou escola) o seu desenvolvimento saudável depende principalmente da existência de interações. Tais interações precisam ser baseadas por sentimentos afetivos, reciprocidade e equilíbrio de poder (Poletto e Koller, 2007, p.28-29).

Contudo, seja qual for o contexto ao qual o sujeito está inserido, o mesmo pode ser de risco ou proteção, dependendo da qualidade das relações, da presença da afetividade e reciprocidade que se estabelecem nestes ambientes.

Diante disso, percebe-se que o binômio saúde-educação não é suficiente para orientar estratégias de prevenção e promoção de saúde mental infantil, uni-

camente por meio de intervenções focais nas instituições envolvidas neste estudo. No entanto, não se reduz a importância do envolvimento e atenção referentes a elas, mas sim, considera-se que estas possam ser porta de entrada para pos-

teriores discussões, problematizações e ações no que diz respeito à saúde mental infantil e da família. Isto contribuiria, portanto, para uma melhoria da qualidade de vida e saúde das pessoas por meio dos processos de resiliência.

Referências bibliográficas

- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Orientação de Pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 14 (Esp.), p. 64-70, 2005.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRONFENBRENNER, U. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2003.
- CONNEL, R. W. ASHENDEN, D. J. KESSLER, S. DOWSETT G.W. *Estabelecendo a diferença: escolas, famílias e divisão social*; trad. Ruy Dias Ferreira. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CUNHA, Myrtes Dias da. PAIVA, Núbia Silva Guimarães. O professor e o Processo de Constituição da Criança Disciplina/Indisciplinada no Cotidiano da Sala de Aula de Séries Iniciais do Ensino Fundamental. UFU, GT-20: Psicologia da Educação, 2003. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/26/posteres/nubiasilviapaiva.rtf. Acesso em: 24 mai.2009.
- EIZIRICK, C. L. *O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FRELLER, Cintia Copit. Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar: um desafio para o psicólogo. IPUSP, GT-20: Psicologia da Educação, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/trabtit2.htm#ge20>. Acesso em: 24 mai. 2009.
- GRZYBOWSKI, Luciana Suarez, GELATI, Carla. Porta de Entrada: levantando demandas a partir da triagem. 2008. Relatório Final de Pesquisa. Grupo de Pesquisa Práticas Psicológicas, Universidade Comunitária e Regional de Chapecó, Chapecó, 2008.
- _____. Porta de Entrada: levantando demandas e apontando ações a partir da triagem. Relatório Final de Pesquisa. Grupo de Pesquisa Práticas Psicológicas, Universidade Comunitária e Regional de Chapecó, Chapecó, 2009.
- MACHADO, Adriana Marcondes (Org.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MIRANDA, Luciana Lobo. Reflexões sobre educação, pós-mídia e produção de subjetividade no contexto escolar. In: MACHADO, Adriana Marcondes. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MELLO, Sylvia Leser. Família: perspectiva teórica e observação factual. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.
- POLETTI, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 25, n. 3, Sept. 2008. Disponível em:
- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2008000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 Mar. 2010.

- SARRIERA, J. C. SILVA, M. A. da. PIZZINATTO, A. ZAGO, C. MEIRA, P. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA, Jorge Castellá (Coord). *Psicologia Comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- SILVA, Maria Regina. LUNARDI, Valéria Lerch. FILHO, Wilson Danilo Lunardi. TAVARES, Kátia Ott. Resiliência e Promoção de Saúde. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 14 (Esp.), 95-102, 2005.
- SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. A Família, a escola e a (pós-) modernidade. In: GUARESCHI, Pedinho Arcides et al. *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- _____. 'A socialização de crianças em idade escolar com problemas de comportamento na escola: Como a família e a escola realizam/partilham esta tarefa?'. 2004. 53 f. Projeto de Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SOUZA, M. P. R. de. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, Adriana Marcondes (Org.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- PATTO, M. H. S. (Org.). Introdução à psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997
- ROCHA, Marisa Lopes da Rocha. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*. Ano 04. Número 23, p. 64-73, 2003.
- TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e Aprendizagem: a relação professor-aluno. Unicamp, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/trabtit2.htm#ge20>. Acesso em: 24 de mai. de 2009.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Resumen: Este artículo presenta resultados de investigación realizada después de identificar la demanda de las referencias de una Clínica-Escuela. Esta investigación se hizo de la perspectiva de la prevención y promoción de la salud en el contexto escolar. Trata de comprender e intervenir en las relaciones establecidas dentro de la familia y de la escuela, utilizando la intervención psicosocial en cuatro escuelas públicas con el mayor número de referencias a la psicoterapia. Los resultados indican diferencias en la comunicación entre la familia y la escuela, lo que revela una discontinuidad en la relación. Este hallazgo se refiere a estereotipos, acusaciones, expectativas y prescripción de la conducta "ideal" y al distanciamiento educativo con los niños. Ante esto, tenemos en cuenta que las demandas y necesidades de la escuela-familia permean el espacio y/o estrategias de abordaje del mismo, centrándose en el diálogo para que juntos puedan construir, con carácter autónomo, las herramientas para hacer frente a las dificultades que son intrínsecas al proceso de educación de la primera infancia y contribuir así a la prevención de enfermedades y la promoción de la salud mental.

Palabras clave: salud mental, educación, familia, comunicación, comportamiento

Resumé: après avoir identifié la demande pour les renvois d'un enseignement clinique, cette étude a cherché à travailler à la prévention et la promotion de la santé dans le contexte scolaire. En essayant de comprendre et d'intervenir dans les relations établies au sein de la famille-école, nous avons utilisé l'intervention psychosociale dans quatre écoles publiques avec le plus grand nombre de renvois à la psychothérapie. Les résultats indiquent les lacunes évidentes en matière de communication entre la famille, l'école, révélant une discontinuité dans la relation. Cette constatation est présentée en relation avec étiquetée, les accusations, les attentes et impose un comportement «idéal» et le fossé éducatif avec les enfants. Compte tenu de cela, nous considérons les demandes et les besoins des relations école-famille imprègnent l'espace et / ou des stratégies pour aborder le même, en se concentrant sur le dialogue afin qu'ensemble, ils peuvent construire, de manière autonome, des outils pour faire face aux difficultés qui sont inhérentes au processus d'éducation de la petite enfance et contribuer ainsi à prévenir les maladies et promouvoir la santé.

Mots clés: la santé mentale; l'éducation; de la famille; la communication; le comportement.

Notas

1 Este artigo faz parte de um Relatório de Pesquisa do Grupo de Pesquisa "Práticas Psicológicas", da Unochapecó. A pesquisa foi financiada pela FAPE-Unochapecó.